

## **Jornal da Tarde**

**31/10/1998**

### **Do ódio ao caboclo à luta em favor de Jeca Tatu**

JADYR PAVÃO JÚNIOR

Em carta dirigida ao jornalista Matias Arrudão, em 1945, Monteiro Lobato, morto há 50 anos, criticou uma de suas mais potentes criações, o caipira amarelado e pusilânime, e deu a chave para a compreensão das tantas empreitadas heróicas em que se meteu, entre a atividade editorial e a exploração do petróleo, parando por fim em uma cela da ditadura varguista

*A criação não passara de uma querela entre o 'proprietário' e seus caboclos*

*Em discurso, em 1919, Rui Barbosa chamou mais a atenção para a figura do Jeca*

*Em seguida à série de desaforos do criador de Emília, Lobato foi preso por três meses*

Um comentário do escritor e crítico Sérgio Milliet sobre Monteiro Lobato, feito em meio a centenas de julgamentos literários, cheira à profecia: “é uma figura que não permanecerá intacta através dos tempos (...). Passará pelo crivo das revisões impiedosas...” Milliet estava certo. As ‘revisões’ a que foram submetidos o homem e a obra, passados 50 anos da morte de Lobato, em 1948, provaram isso. No entanto, algumas das palavras menos condescendentes dirigidas ao criador do Sítio do Pica-Pau foram escritas por ele mesmo.

A carta reproduzida integralmente nesta página, abaixo, destinada ao jornalista Matias Arrudão, foi escrita em 1945 e publicada em O Estado de São Paulo a 11 de julho de 1948 — pouco depois da morte do escritor. Nela, Lobato faz uma crítica a um de seus personagens mais potentes: o Jeca Tatu — o caipira amarelado e pusilânime, que, inerte a qualquer estímulo, se deixava sentado sobre os calcanhares. A correspondência — uma resposta a dois artigos publicados por Arrudão a 31 de dezembro de 1944 e 6 de janeiro de 1945 — é uma restrição intelectual, mais ainda do que estética.

É um acerto de contas do velho Lobato de 1945, então com 63 anos — fazendeiro, editor e empresário falido, ex-prisioneiro do varguismo e escritor reconhecido —, ao Lobato de 32 anos, fazendeiro rancoroso, que, em 1914, concebera o Jeca Tatu de corpo e alma combalidos.

Mais do que isso, a carta ilumina a atuação do escritor depois da criação do Jeca. Lobato faz a Arrudão a ‘apresentação de motivos’ das tantas empreitadas em que se meteu para reparar o prejuízo que sentia ter causado aos jecas brasileiros, ao chamá-los de ‘vagabundos’ e ‘preguiçosos’.

Para escrever os artigos de 1944 e 1945, Arrudão se apoiou na correspondência trocada por Lobato e Godofredo Rangel, amigos dos tempos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, publicada à época sob o título de A Barca de Gleyre. De posse das confidências feitas no início da década de 10, Arrudão coloca sobre o nariz do leitor os óculos que faltaram a Lobato durante a gestação do caipira que colaborou para ‘cristalizar’ a imagem do trabalhador rural como homem moral e fisicamente fraco.

“Será, porventura, exato o quadro de relaxamento moral e étnico relatado pelo escritor?”, questionava, em um dos artigos, Arrudão — nome fictício do jornalista e juiz Dácio Aranha de Arruda de Campos. Para ele, Lobato olhara a desgraça, mas não vira o desgraçado, vítima da miséria e da exploração brasileiras. Não passara de uma análise superficial da tragédia campestre nacional. A criação não passara, então, de uma querela entre o ‘proprietário’ e seus

caboclos. “Se o Jeca é o piolho-da-terra, que será o fazendeiro, que tão naturalmente se instala sobre seu lombo miserável?”, provoca o Arrudão de 1944/45 ao Lobato de 1914.

O período da correspondência observado por Arrudão é de mudança na vida de Lobato. O futuro escritor se tornara ‘proprietário’ rural — fazia questão de se nomear assim — da noite para o dia, ao herdar do avô, o Visconde de Tremembé, a fazenda da família, em 1907. A herança muda os planos do promotor, que abandona a carreira. Nas cartas, facilmente reconhecemos seus sonhos: enriquecer e, por que não?, igualar-se aos barões do café do Estado.

Entusiasmado com a fazenda, cravada no Vale do Paraíba, Lobato introduz técnicas norte-americanas de produção.

O entusiasmo, no entanto, cede lugar ao desânimo, ao cansaço e ao rancor, com a chegada ao Brasil das primeiras reverberações da 1ª Guerra Mundial. Na propriedade de Taubaté, Lobato passa por dificuldades. Os insucessos, no entanto, são debitados ao camponês, ‘feio, papudo, molenga e inerte’. Em carta a Rangel, datada de 1912, quando já ‘gestava’ o Jeca, Lobato daria ao caboclo o nome pejorativo que também serviria a um dos artigos de Arrudão: ‘piolho da terra’ e ‘praga da terra’.

Estava a ponto o rebento. O caboclo, com seu atraso espiritual e técnico, é que impedia o ‘proprietário’ de seguir a diante. As queimadas, a baixa produção, a morte dos animais, todo o ônus da derrocada é imputado a ele — que continuava inerte e ‘de cócoras’. O fazendeiro, vendo se abrirem as portas da falência, declara: “Atualmente estou em luta contra quatro piolhos desta ordem ‘agregados’ aqui das terras. Persigo-os, quero ver se estalo as unhas. Meu grande incêndio das matas deste ano a eles devo...”

O ódio do ‘proprietário’ é a semente de Jeca Tatu. Em 1914, Lobato escreve dois artigos inflamados, Urupês e Uma Velha Praga, nos quais se refere ao camponês por ‘vagabundos’ e ‘preguiçosos’. Os textos desembocam no livro Urupês, em que, se arremata o caráter do Jeca. Interessante é notar que, como afirma a Rangel, o escritor queria desfazer a imagem do caboclo construída pelo ideal romântico. Constrói outra.

A carta de 1945 a Arrudão não é, de maneira alguma, o marco da aproximação entre Lobato e Jeca Tatu. Ele já fora colocado lá atrás. Pouco depois da publicação dos artigos de 1914, Lobato toma contato com o relatório Saneamento do Brasil, do sanitarista Belisário Pena. O documento desancava os defensores da ‘natureza corrompida’. Portador das luzes da ciência que se multiplicavam a partir do início do século, o documento ligava os pontos antes esparsos, estabelecendo causas e conseqüências entre as péssimas condições de higiene e a fraqueza dos trabalhadores rurais. Em especial, falava da peste do campo: o amarelo.

Lobato curvou-se. Tentou voltar atrás, eliminar o mal que fizera à sua criatura, e, conseqüentemente, aos milhões de jecas espalhados pelo Brasil. Para isso, inicia a publicação de vários artigos, salientando o abandono e as mazelas na área sanitária.

Em setembro de 1918, na quarta edição de Urupês, se penitencia por haver ajudado a fixar a imagem que resiste até hoje. “Eu ignorava que eras assim, meu caro tatu, por motivo de doenças tremendas. Está provado que tens no sangue e nas tripas um jardim zoológico da pior espécie. É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não.”

O acusador se torna defensor, e liberta a personagem para a campanha nacional contra o amarelo.

O próprio escritor conclui, na carta a Arrudão, que era tarde demais. A figura já estava ali, pronta para ser apropriada por outros, como realmente foi. Até mesmo Rui Barbosa faturou com Jeca Tatu, contra o governo. Em discurso no Teatro Lírico, em 1919, já arrependido o criador, o velho Rui ressuscitou o tom que Lobato já enterrara, ao tratar da pobreza no campo e do desleixo do poder público. O político baiano prestava, assim, grande serviço, tornando Jeca mais conhecido e estigmatizado.

Mas se a carta a Arrudão está longe de ser o primeiro arrependimento, ela expõe as motivações de seu autor. Lobato fez de tudo. Tentou ser tudo. Passou o resto da vida a lutar pelo Jeca, diz na carta. Arruinado o negócio da fazenda, em 1918, em seguida funda a editora Lobato. Importante casa do livro, a editora viria à pique em 1925. Dois anos depois, embarcou como adido comercial nomeado pelo presidente Washington Luis para os EUA, onde ficaria até 1931.

De lá, traria as idéias que o norteariam nos 10 anos seguintes, até parar na cela de uma prisão da avenida Tiradentes, em 1941. No regresso ao Brasil, em 1931, falou mais alto o espírito do empreendedor.

Logo ao desembarcar, Lobato começou nos negócios da exploração do ferro e, mais tarde, do petróleo. Do mesmo ano, é a fundação da sua Companhia Brasileira de Petróleo. Esses seriam os termos da independência de qualquer Jeca, acreditava. No entanto, a autonomia do escritor em relação ao governo central — em sua expressão máxima àquela altura —, ao se envolver em setor tão delicado, o levou ao choque com a ditadura Vargas. Em seguida a uma série de desaforos do criador de Emília com o ditador, Lobato foi levado às celas do varguismo, três meses.

As cartas escritas durante a permanência na prisão não escondem rancor. Falido, Lobato se juntou à editora Brasiliense, em 1946, constituída por Caio Prado Jr. Ali, tentariam um empreendimento de retorno mais lento do que o petróleo ou o ferro, mas necessário ao País. Afinal, como escrevera em 1918, depois de ver desmascarados os vermes da barriga dos camponeses, “somos todos uns irredutíveis jecas”.

Jadyr Pavão Jr. é repórter do Caderno de Sábado

**(Página 1 SUPLEMENTOS)**